



Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Director, administrador e proprietario: José da Silva Vieira. — Redactor no Brazil: A. C. — Editor: Julio de J. Giesteira Lima. — Composição e impr.: Typ. Espozendense — Espozende

Assinatura: Anho; sem esta pilla 8\$000 rs. — Com esta pilla e para fóra 10\$000 rs. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero: pulso 200 rs. — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 esc. — Anuncios particulares: linha 70 c. Comum. ou reclames, linha 50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c. Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes. Não publicados.

Este n.º foi visado pela Comissão de Censura de Vila do Castelo.

A CAMPANHA DO TRIGO

Interesses de todos, Interesses da Pátria...

Um rejuvenescimento simultâneo de iniciativas, gerais e regionais, perpassa agora por todo o País.

Uma descentralização consciente pode sempre permitir que todos os valores, os mais humildes, ofertem á colectividade o valor integral, na familia e na sociedade, que os caracteriza em energia potencial.

Isto a propósito desta orientação suprema de interesse patriótico: a redução das grandes verbas de importação, na tendencia superior de procurarmos bastarnos a nós mesmos.

Essa tendencia tem, em Portugal, de atentar em duas grandes verbas: combustiveis e trigo.

Na campanha dos combustiveis, em que entram em primeiro plano o carvão e a gasoli-

na, principiou-se com a forte redução da importação de carvões, com a intensificação da exploração dos carvões nacionais (Pevão, S. Pedro da Covã e Cabo Mondêgo) e, sobretudo, com o aproveitamento de algumas quedas de água (Varoza, Lindoso, etc).

Com o aproveitamento mais intensivo das nossas antracites, sobretudo queimando-as á boca da mina em transformação electrica, com a conclusão de outros aproveitamentos hydraulicos (Erma, etc) e, sobretudo, com o aproveitamento de alguma das grandes potencias, quer do Douro internacional, quer do troço nacional (Bitetos), quer do Rabagão, Portas do Rodão, etc, o problema do carvão reduzir-se-ha, finalmente, a proporções ínfimas que não merecerão referencia.

O outro combustivel que tomou uma dianteira perigosa, a gasolina, pode e deve ser travado na sua ascensão; e declinar para umas proporções razoaveis com o emprego do carburante vegetal ou, como agora se diz, com o gás das florestas.

finas rdescidas, hermeticamente fechadas, sem um leve movimento que denunciasses um afaço de brisa; as mãos de alvura palida de uma castela...

O embuçado praguejou; — 3 e meia... maldição!

Premiu o botão electrico da campanha — e um silvo agudo de hiena, rapido, perdeu-se no arvoredo frondoso...

O embuçado gargalhou diabolicamente — e do seu peito, em surdina; saiu um — finalmente!... Louca!

Vitima do meu destino — vilima da sociedade!

Uma lanterna vermelha tinha-se acendido e rapidamente apagado.

Os olhos do misterioso personagem relampejaram sinistramente.

Havia naquele clarão o que quer que fosse de fatidico — uma ameaça latente...

Saltou as grades, coseu a loup mais ao reboto, e dirigiu-se ao ponto do aviso.

Jogou uma escada de corda, e subiu amacadamente por ella. A janela abriu-se e surgiu uma figura de mulher esbelta, envolta num vestido negro, segurando uma peque-

Esse problema já anda por si com, soluções que estão em plena evolução.

Finalmente, trata-se da Campanha do Trigo que, se no sul tem merecido boas atenções, deve merecer as do norte também.

Além do patriotismo que representa a redução da drenagem de puro, os lavradores deverão converter-se tecnicamente de que a cultura do trigo sobretudo em vez da do centeio, e precedendo a do milho, pode dar uma garantia de rendimento ás suas terras, garantia que hoje não tem sómente com a cultura do milho.

Os anos agrícolas são função do tempo.

Pois, se o lavrador der tanta importancia á cultura do trigo como a dá á cultura do milho, e se, portanto, souber escolher o tipo de trigo — em qualidade, selecção e ciclo vegetativo — e as épocas de cultura, pode fazer praticamente um seguro do rendimento efectivo das suas terras.

Qualquer que seja a irregularidade da mala de viagem.

Devia ter 18 anos e no peito constelavam joias de avultado valôr.

— Sou tua!
— Silencio, podem ouvir-nos. Deixaremos para d'aqui a um momento, bem longe d'esta casa; levados pela vertigem apocalitica do meu carro, os arroubos d'esta felicidade sem fim...

— Sou tua... ciciou novamente uma musica angelical.

O motor trovejou. Os faroes deram um sinal... e o automovel abriu as valvulas da maxima velocidade.

Surgiu numa curva outro automovel, e-maltado a azul-escuro e seguiu o auto-idillio...

O misterio principia agora a desenrolar-se como nos cinemas os films... A primeira parté foi já projectada — era o introito — o argumento dirão.

Não! Neste drama, esmagam-se, atropelam-se, fundem-se as scenas; os quadros sempre ineditos a projectar luz no enigma, a avançar para o fim, são mais indecifreveis, mais misteriosos...

laridade do ano agrícola, pode ter sempre bom rendimento, ou no trigo ou no milho; ou, esplendido, nas duas culturas...

Que cada um abra os ouvidos á politica, Política com P grande, dos problemas administrativos que lhe podem sempre interessar lá por casa; á familia; e abandonem ao psitacismo oco essa politica de p pequeno, quando não de p e u, que os arruína e desilude.

E' essa a Política com que cada um será sempre util a si e á Patria!

Duarte Carrilho.

Maquinas Singer

para coser vendem-se a pronto pagamento e em prestações no Chic Parisiense, estabelecimento de fazendas de Emilio Fernandes, rua d'Areosa — Fão.

Reparações gratuitas durante 5 anos.

Dar a preferéncia é ser bem servido.

Não ha o aparato falso do me-teur-en-scent, as lagrimas combinadas de dois amantes aventureiros, uma leviana que se entrega ao uo- vir os acordes da flauta magica de Mozart...

Não! Ha apenas, sem as lhamas de seda de vestuario pomposo, uma alma sonhadora que abandona o ninho paterno em busca do sonho apaixonado que lhe prometera o noivo que a familia odiava, e que outro, muito parecido com ele, sinistra encarnação do mal, se aproveitou para roubar e manchar a honra da Virgem que o amor puro e cristalino do amante espiritual conquistara.

Este film real foi passado, ha já anos, na risonha vila de Espozende — este drama, só exotico nas peripécias, forte, transformou em cans de neve os cabelos de azeviche d'um pae, abriu o tumulto — cavou com as suas proprias garras em feitiço de punhal, a terra do cemiterio para incrustar a urna que encerrava o cadaver d'uma mãe,

(Continúa).

Gonde Aguia Vermelha.

FOLHETIM

RADIOGRAFANDO AS SOMBRAS...

O MASCARADO

ESPOZENDE estava banhada na pualha do luar...

3 horas da manhã.

Uma casa aristocratica, estilo moderno, elegante, jardins onde cresciam as mais raras flores dos mais embriagantes perfumes.

Ao portão um Rooll-Royce-vertigem...

As sombras no interior do predio dormiam na quietude do silencio...

Ao fundo, arvores esguias, espalmadas, as seculares sentinelas de vigia...

Um embuçado, eigarro ao canto dos labios, galgava a largos passos, nervosos, o passeio...

Olhara um ponto fixo — uma janella do primeiro andar, como a querer hipnotisar, electricisar as pedras, radicografar o interior...

As janelas continuavam de cor-

PERTO DAS ONDAS . . .

(Crónica Ilgeira)

—O velho uso das célebres *feijoadas* é um segredo que produziu *descontentes*. . . —
O Internato Municipal do Porto e um Leitão de batuta . . . que foi muito apreciado. —O *Febro-ne* carioca nesta *ditosa patria* *minha amada*. —Portugal e Inglaterra sempre aliados. —

Aqui ent Fão, —terra que sorri ao Céu, ao Mar e ao Cávado—em tempo propicio, de verão, costuma-se ir de abalada rio acima, em grupos divertidos, guitarrando e cantando, dentro de barcos enormes, para as apetitosas *feijoadas* feitas ao ar livre, por mãos másculas, mas hábeis.

E' um velho uso dos fangueiros. E não admira que êle venha quasi da tradição, pelo rolar dos anos, sempre com as mesmas características, embora as caras sejam outras, mas ainda alegres e folgazãs, iluminadas por um riso franco e jovial.

Eram em geral, rapazes pujantes de vida, cheios de sol e mocidade, de uma mocidade heróica e bem ditosa!

Meia dúzia de barcos, dois dos quais enormes, (nêstes iam os caldeirões, o feijão preto e a carne seca) esperava-nos no cais do Curtinhal, ao tempo ensombrado por três plátanos de folhagem larga e troncos manchados de branco.

Embarcavam lépidos, perante a multidão espectadora, ávida de ineditismo, rindo das graça soltadas, aqui e além, por um engraçado de bom humor.

Felizes, cantando e tocando, enquanto as velas pandas impeliam as embarcações pelo rio azul, o tempo passava rapidamente e êles não o sentiam.

E, sem dar por isso, chegavam ao *Marachão*, lá para a Barca do Lago, o local inais pinturesco, mais agradável e delicioso que a *terra-mater* nos deixou!

Os barcos, embandeirados, balouçavam-se calma e suavemente nas águas serenas do Cávado, amarrados ás raizes dos salgueiros que nelas iam beber a sua eterna verdura.

Depois, ao cair da noite, enquanto uma lua prateada enluarava as margens envoltas no sócêgo consolador do crepúsculo, a ligeira frota, cantando sempre, descia de novo a Fão, embalada pelos cantos harmóniosos dos rouxinóis e pelo zunido longínquo dos nostálgicos ralos! . . .

Continuando a tradição, como sempre, um grupo de rapazes, destes que encaram a vida

por um prisma de cristal puro com miragens de sete cores risónhas, —bem diferente do meu, que é um prisma complicado que me faz vêr a vida horrivelmente chagada e ignóbil—transportaram as suas almas môças, numa festarola íntima, ao encantador retiro do Lago . . .

Era um dia como poucos, um dia de agôsto prometedor. A's nove e meia começaram os preparativos, em surdina, como se fôsem para qualquer passeio. Sussurrou a alegria em tôdos os corações, sedentos de luz, na faina ardente da partida.

A's dez horas os barcos balouçavam-se como outrora nas águas tranqüilas e, impelidos pela brisa do aquilão correram rio acima levando em si um punhado de rapazes no alvor da vida, cantando estrofes de piro á mocidade.

Partiram em segredo, quasi. Ninguém, a não ser os da *bambochata*, conhecia o *caso* deveras interessante.

O povo não apareceu para os vêr partir e os poucos que os viram ficavam intrigados.

—Que será? . . . Aonde irão? . . .

Moita! Nem os écos respondiam! Só, dentre êles, uma voz que faz rir o mais sizudo, a do João Carneiro, cantava a «*Mué crué*» . . .

Deixaram o cais, cantando, barulhando. E, uma vez lá, portaram-se na altura, como verdadeiros fangueiros!

Para os velhos aficionados o segredo foi desconcertante. Não os convidar a êles, que já tinham ido noutros anos, de boa camaradagem!

Paciencia! Talvez por êles não irem, a *feijoada* foi bem sucedida.

Os barcos chegaram ao *Forno da Cal*, cuja cúpula massiça faz lembrar um minarete oriental das mil e uma noites . . .

Chegaram também, para não despertar suspeitas, os alunos do Internato Municipal do Porto e na vanguarda, risinho, cabelos brancos de neve, o snr. Leitão de batuta, ou sem ela, manda executar a *Portuguêza* por entre as aclamações dos rapazes.

Embarcaram. De novo se fizeram ao largo. Cantava-se em um dos barcos a canção do «*Febro-ne*», dêsse terrível índio carioca que assolou o Brasil praticando as maiores atrocidades.

Já à vista da pitoresca Barca do Lago, exultam de alegria. A seiva viril que lhes corre nas veias transforma-se em hilariedade. Ha ditos, há *piadus* . . .

De certa casa, que se mira nas águas do Cávado, no sitio da Barca, saiu para os barcos um

cêsto de maçãs dessas que tentaram Eva no Paraiso terreal e engasgaram Adão.

Das duas margens, curiosos com sorrisos de satisfação nos lábios, olham os que seguem, com inveja . . .

O local, aprazível, donairoso e ensombrado, é optimo, é delicioso!

Os componentes olham extasiados a beleza das margens e admiram pela centézima vez a terra onde nasceram!

Entretanto, os cozinheiros hábeis do Internato preparam a *célebre feijoada*. O licôr de Baco espera novo abrigo nos bojudos garrações.

Come-se, bebe-se, *ajoelha-se!*
A os alunos é servido um *bacalhau á espanhola* que poderia muito bem ser português . . . Questão de convenções, nada mais . . .

Aquele Antonio e aquele Alvaro, são impagaveis.

Não prepararam uma *feijoada* fizeram um *banquetel!*

O Snr. Leitão, que tão hábil é no que diz repetido á sua banda de pequeninos tão apreciadissima em Fão, como de resto em toda a parte onde se tem feito ouvir, como mais velho, era o *chefe*.

Aquele Virgilio baixinho, risinho, —o prefeito—bem se esforçava por meter os seus subordinados na ordem! Mas ali era logar para diversões e não para disciplinas. E sabem o que fez? . . .

Não sabem? . . . Também eu não, mas calculo que não fez nada.

O *Zé Pintor*, conquanto tivesse ali um motivo regional para uma soberba aguarela, não pintou: limitou-se, sómente, a alguns cantaros de vinho e . . . *ajoelhou* como os outros. Foi a primeira vez na sua vida que ficou sendo um *José Leal* a valer!

Do *Manuel* e do João Carneiro não falo, não vale a pena. Se eu fosse a escrever o que êles para lá pintaram, os pacientes leitores e leitoras chegavam á conclusão de que eles eram mais pintores do que o *Zé Pintor!*

Falta só um personagem para completar o elenco dos *fadistas*: o Snr. Alceu Vinha, meu *ilustre* irmão . . .

Esse envergava a *bata* branca dos laboratorios de Sciencias e na cabeça ostentava uma *carapuça* verde digna de um campino das Lezirias . . .

Se o amigo Martins e o amigo Ernestino, (O Tino Gloria) lá fossem, um com o violino, outro com o banjolin, a festa era graúda . . . Nem o snr. Leitão nem S. *Evêria*, o grande e franzino *Chiquita*, dormiam a sua sonêca socegada . . . á sombra da pipa!

* * *
Antes de prosseguir quero dar uma explicação do *neologismo ajoelhar*, verbo que afinal até o Vilela sabe conjugar . . . e inventado pelo *filologo* snr. João Lapa Pinto.

Ajoelhar aqui, não é jenufler. *Ajoelhar* é beber até a cabeça andar á roda do sol e sa pernas dobrarem . . . pelos joelhos . . . Isto é que é *ajoelhar!*

Como ia dizendo, o tempo voou. A noite avizinhou-se e os rapazes só com a primeira refeição que equivalia a quatro jantares, pouco mais ou menos . . .

E eis como se fez uma segunda refeição, isto é, um arroz de frango tão delicioso, tão aromático e fumegante que tentaria o guloso do *Luculo* se não estivesse dêsde o dominio romano nas catacumbas de Roma.

Os brindes estalaram como garrafas de champagne.

Os vivos e «hurrahs» atroaram os ares e afugentaram uns pequenos elefantes que pastavam socegradamente num sertão africano!

Seguiu-se um baile, ou chá-dansante, porque tudo dansou e tomou chá . . . de *parreira* e chá . . . da China!

No fim, em frente á linda venda do conhecido *Inglêz da Barca*, o Reyd ou lá que é, o sr. Leitão mandou executar o hino inglês e Portugal, por momentos, fez uma segunda aliança com a Loira Albion, como dizem os poetas.

* * *
E' tarde, já. Tarde demais, talvez . . . São oito e meia da noite.

Os barcos enchem-se de novo e de novo se põem em marcha, agora lenta, ao sabor da corrente, no crepúsculo suave duma suave tarde.

E á chegada a Fão, os curiosos, já sabedores do facto, tinham desvendado o misterio!

Apinhavam-se no cais, comentando, elogiando, ziguezagueando.

Banhistas de trajes garridos, indigenas que acudiam, pressurosos, ao ponto de desembarque.

Onze da noite! Que viagem!
E agora que a povoação despertou para os vêr chegar, já que os não tinha visto partir, as suas vozes crivavam o espaço de canções brasileiras, dolentes como o luar branquinho, simples como um gorgeio de avel . . .

Fão, 1929.

Vinha dos Santos.

 **Moqueira Guerra**
SOLICITADOR
ESPOZENDE

AS FESTAS DA SAUDE

Se não fora a tenacidade, força de vontade e uma verdadeira devoção dos Srs. Aníbio Fernandes Ribeiro e Guilherme Mendes de Oliveira, já ha muito que as festas ás Virgens da Saude e Soledade tinham infalivelmente perdido todo o seu brilho e toda a sua pompa.

Estes cavalheiros, cheios de fé e abnegação são dignos do nosso apoio; todos nós temos restrita obrigação de bem dizer, aplaudir e louvar o desempenho da sua incumbencia como membros da comissão das unicas e verdadeiras festas da vila; aplaudi-los, sim...! pelos seus esforços e sacrificios, não medindo prejuizos e canceiras que o objectivo destas causas sempre scarreta.

Mas não acontece assim!

Há por ai alguém, louvado seja Deus! que não tem mais com que agucar a lingua, mostrando-nos a sua má fé contra os dignos trabalhadores e incançáveis festeiros, que todos os anos nos mimoseiam com as brilhantes e auspiciosas manifestações que nos enchem o coração cheio de alegria e entusiasmo.

Afirmam certos salafaristas e parlapatões que não acreditam que os ditos cavalheiros tenham tido prejuizo com as festas, e que tambem não se informam com as especificações publicadas nos jornaes, das respectivas despesas.

Vejam que exemplares, que estampas!

«Pelas vossas veias julgaes as alheias!» — lá diz o ditado.

Se assim falo, não pensem que os citados srs. festeiros me encarregaram desta defeza; nada disso, nem tão pouco os consultei.

Estou, pois, no meu direito de avaliar e aplaudir quem sabe ser cumpridor dos seus deveres e reprovar os que na vida nada tem que os recomende.

Dêstes que falam barato nada há que esperar, porque nada sabem fazer; não estão habituados aos prejuizos, antes pelo contrario o lucro é o seu ponto de referencia.

Eis a razão porque não acreditam que homens, que na senda da vida estão habituados tanto a perderem como a ganharem, se encontrem desembolsados.

Há dias soube que o sr. Guilherme dissera a um amigo meu que, dos anos anteriores elle e o seu colega das festas, tinham um prejuizo de cinco mil escudos, não incluindo as despesas deste ano por não estarem ainda legalizadas.

Eu acredito, por todos os motivos, nessas asseverações, porque esses cavalheiros merecem toda a consideração e são incapazes de publicar *deficits* que não sejam verdadeiros.

Ainda ha pouco, este semanario noticiou que o sr. Ribeiro beneficiou o nosso hospital com o donativo de trez mil escudos para ajudar a custear as despesas do mesmo; pois houve uns certos maganões que disseram que esse dinheiro era da Senhora da Saude e não dele. Os sensatos, a gente de bem não fazem tal juizo d'este cidadão, mas os corruptos e os manhosos querem que assim seja. Se em vez de fazerem tal suposição lhe seguissem as pfsadas e procedessem da mesma forma, faziam melhor figura.

O sr. Ribeiro praticou um belo exemplo de philantropia e é capaz de concorrer com outro tanto sem ter necessidade de o ir pedir a ninguem.

O sr. Guilherme dotou Espozende com um cinema e que resultados tem tirado?

Prejuizos e mais prejuizos.

São creaturas, no entanto, que estão acostumadas a perder e a ganhar, enquanto vós, que duvidaes, só procurais amontoar capital, pondo-o a juros a quinze e vinte por cento. Eis o facto, porque agiotas não podem fazer bom juizo do seu semelhante.

Diz-se, por ai em discussões, travadas a tal respeito, que as festas da vila, para o ano, se farão como puder.

Não é bem assim; se querem mostrar o seu valor, o seu prestigio ao povo de Espozende, cumpram o programa á risca, como nos mais anos e depois saberão quanto lhes custa. De contrario dão a saber que só se prestam a ficar com ele no bolso.

Nos sacrificios é que se conhecem os seres uteis á sociedade e que eles se distinguem pelo seu espirito de abnegação.

ESPALHA-BRAZAS.

CARTA

Amigo Sr. Vieira.

Deve-me remeter o jornal para Guimarães, onde, ultimamente, fixei a residencia de minha familia.

Esta resolução, foi obrigado a tomá-la em virtude da saude de meu filho.

Eu entendia que o Destino me tinha deixado nas suas arremetidas. Mas não sei.

Vejo o horizonte carregado de nvens muito sombrias!

Seja como for, mande-me para lá o «Espozendense»; a leitura dê-se amigo de lu-

ta sincera ha-de me fazer bem.

Não se esqueça.

Peço que publique esta minha simples carta no seu jornal para evitar escrever a varias pessoas a quem o devia fazer.

A residencia que escolhi para a minha familia é junto á estação da linha férrea, e a direcção a seguinte: Freguezia de Santo Esteves Corgêses, Lugar de Santo André, Guimarães.

Seu amigo e obrigd.º

Guimarães, 20-9-29.

João Manuel Mendes.

FONTE-BOA

5-9-29.

(Retardada)

Encontram-se entre nós os ex.mos srs. Dr. Antonio Viana e D. Elvira Vianc, Mario Duarte e sua ex.ma esposa D. Berta Duarte tendo lugar no dia 4 do corrente grandes festas pelos anos da dita Sr.a D. Berta Duarte, na casa de campo no lugar da Alapela. A estes festejos vêm assistir o sr. Eurico Duarte e esposa, da freguezia de Seixas.

—No dia 28 de agosto, proximo findo, teve lugar o enlace matrimonial do sr. Manoel de Campos Neves, com a sr.a Carolina de Azevedo Vasquinh. Parainfaram os noivos sua irmã sr.a Joaquina Martins de Campos e seu esposo o sr. Manoel da Silva Lavandeiras, proprietarios, sendo ministro o rev. Abade desta freguezia.

—Na penultima semana faleceu a sr.a Amelia Goues Belinho, esposa do sr. Manoel Vasco, auzente no Brazil. Era nova e deixou dois filhinhos. O seu funeral foi muito concorrido. Paz á sua alma.

—Fonteboa teye a noticia da ausencia do ex.mo sr. Dr. Alexandre Torres, para a cidade do Porto. D'alma e coração estimamos as suas felicidades, lamentando a sua falta pelos relevantes serviços que prestou a esta freguezia.

—Trata-se de vindimas e colheitas de cereaes. Este ano parece que o vinho rende. Até á semana.

C.

CAIXA ESCOLAR DE ESPOZENDE

Récita em seu beneficio

Resultou brilhante e com a casa cheia, a récita dada no Teatro Club, na noite de 22 do corrente, em que tomaram parte muitas creanças das escolas e varias damas e cavalheiros da nossa melhor sociedade.

Começou o espectáculo pela *Portuguesa*, cantada pelas creanças das escolas, depois de uma poesia recitada pelo academico Antonio Abreu. Seguiu-se depois—*Sonho de Mimi*, engraçada fantasia infantil, em que as creanças vinham vestidas com lindos trajes, representando os papeis que desempenhavam, como Borboleta, Pomba, Formiga, Cigarra, Pirlampo, etc. Muito bem, devendo especialisar a menina Judith Ramos, que fazia de Borboleta, pela naturalidade com que representou. As creanças desempenharam mais o seguinte: *Pescadores de agua doce*, côro, de Tomaz Borba. *A boa dona de casa*, idem.

Pelas damas e cavalheiros da nossa elite, foram representadas a comedia em 1 acto *Andorinhas* em que se especializou a Ex.ma Sr.a D. Antonina Vieira da Cruz, que desempenhou o seu papel com uma naturalidade que mais parecia uma atriz consumida que uma amadora. Seguiu-se depois o quadro de Julio d'Antas *Papá*, que D. Albertina Rodrigues e Antonio Viana de Vilas Boas disseram esplendidamente.

E' de inteira justiça destacar

o papel desempenhado pela Ex.ma Sr.a D. Albertina Rodrigues, que nos maravilhou pela sua dicção impecavel, modo de estar em scena, o á vontade com que contrascenava. Raras vêzes temos visto uma amadora representar assim. Muito e muito bem. Terminou o espectáculo com varias canções regionaes, que pecaram um pouco pela falta de ensaios, mas que, apesar de tudo, agradaram. Merecem louvores os Ex.mos professores pelo trabalho que tiveram, para que a sua recita e a récita das creanças das nossas escolas, fosse o que foi.

FALTA DE AGUA

Apesar da boa vontade da nossa Camara, a agua da fonte publica, unica fonte que ha na vila, para uma população de cerca de 1.000 pessoas, de cada vez é menos e houve dias nesta semana, em que não houve agua, tendo a população de se abastecer da agua dos poços. E' inacreditavel que os poderes publicos se não importem com as representações, pedidos, telegramas, etc. que tem sido enviados para que se dê a verba precisa, uns ridiculos 80 contos, para que se terminem as obras de canalisação que ha mais de 12 anos foram começadas e depois abandonadas.

Para lá estão a estragar-se a tubagem, depositos e mais obras de arte já feitas e a população continua a inquinar-se, ingerindo agua de poços e a da propria fonte, que é condenada e impropria para beber. O sr. Sub-Delegado de Saude tem já telegrafado varias vezes para a Direcção Geral de Saude, a nossa Camara idem, mas é o mesmo que telegrafar a mortos. Na passada 4.ª feira foram enviadas ao Ex.º Ministro do Interior os telegramas que abaixo damos, a fim de ver se algo se faz. Esta miseria, este desleixo da parte de quem tem obrigação de olhar pelo bem geral, não se explica; chega a ser criminoso, porque alguns casos tifoides se tem dado e a vida de uma população deve valer bem mais que uns miseráveis 80 ou 100 contos, que faltam para a terminação de uma obra que ha tantos anos foi começada e criminosamente abandonada. Vamos a ver se algum resultado darão aqueles telegramas.

(Seguem os telegramas):

Excelen.issim.º Ministro Interior

Lisboa

População esta vila ha perto oito dias sem agua potavel. Unica fonte para oito mil habitantes sec.º. Pedimos V. Ex.ª urgentes providencias havendo já casos tifos causados ingestão agua dos poços. Processo canalisação aguas parado esse Ministerio ha bastantes anos depois de gastos bastantes contos Depositos, canalisação tudo abandonado. Apesar pedidas varias vezes verbas para terminar obras nada conseguido. Em nome das vilas de tanta gente pedimos providencias urgentes.

Vice Presidente Camara

Xavier Viana

Ex.º Ministro Interior

Lisboa

Unica fonte esta vila, com perto mil habitantes, secou há perto 8 dias e utilização agua poços tem já originado casos tifos.

Processo canalisação aguas demorado nesse Ministerio ha bastantes anos com dezenas contos gastos depositos.

Obras canalisação paralisadas falta verba para a sua conclusão, apesar pedidos subsidios varias vezes.

Urgentemente pedimos providencias. Vossa Excelencia em nome população.

«Associação Comercial»

O Presidente,

AVELINO SILVA.

Em resposta a estes telegramas foi recebido o seguinte officio:

Serviço da Republica

Ministerio do Interior

Gabinete do Ministerio

N.º 2243 (L.º 5)

Ex.º Sr.

Sua Ex.ª o Ministro do Interior encaregamente de acusar a V. Ex.ª recção do telegrama de 25 corrente, e de comunicar que nesta data o assunto é transmitido á Direcção Geral de Saude afim de ser tomado na consideração que merece. Saude e Fraternidade

Ao Ex.º Sr. Presidente da Camara Municipal de Espozende.

Lisboa, 26 de Setembro de 1929

O Chefe de Gabinete

RICARDO AMARAL.

Egual officio foi recebido pela Associação Comercial.

COLABORAÇÃO

Rendilha e aformoseia hoje o rodapé de *O Espozendense*, uma emocionante novela firmada por *Conde Aguiá Vermelha*, pseudônimo sob que se acoberta um novel jornalista, *double* de um promissivo escritor de quem as letras portuguezas tem muito a esperar.

Agradecemos-lhe a gentileza e a honra concedida a *O Espozendense*.

Chamamos as vistas do leitor para a interessante novela, e com tanto mais interesse quanto é certo que todos os seus episodios se passaram nesta nossa linda terra.

Teatro-Club

Amanhã temos no nosso teatro, pela aplaudida *Tournée Artistica Portuguesa*, dirigida pelo actor Manoel Monteiro, do teatro Apolo, de Lisboa, uma atrahente espectáculo com a interessante peça em 3 actos **MILAGRES DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA**.

A esta récita não devem faltar todos os apreciadores de bom teatro, já porque a peça é deveras encantadora, e já porque, estamos informados, o nucleo d'artistas que compõem a referida *Tournée* têm sido bastante aplaudidos nos nossos melhores teatros.

AVISO

Tendo-se verificado que em alguns pontos do paiz a farinha para panificação e bem assim o pão de trigo legal são vendidos por preços muito elevados, não se observando o disposto no art.º 4.º e seu § unico do Decreto n.º 12.460 de 8 de Abril de 1927, avisa-se que não é permitida a venda de farinha para panificação a preço superior a 2\$20 e a de pão a 2\$10, determinação esta que deverá observar-se em qualquer ponto do paiz.

Vêr a 4.ª pagina.

TEATRO-CLUB ESPOZENDE



DOMINGO, 29 de Setembro.
às 9 horas da noite

Récita Extraordinaria

PELA

“Tournée Artistica Portugueza”

Sob a direcção do actor

Manoel Monteiro

do THEATRO APOLO de LISBOA

A representação da peça em 3
actos, de grande succésso, na qual
se vê, por diferentes vezes,
a APARIÇÃO DA MILAGROSA IMAGEM

MILAGRES

DE

Nossa Senhora de Fátima

PERSONAGENS

Paulo de Borbon	Vidal, filho
O Medico	Manoel Monteiro
Priór do Sanfins	Teixeira Lopes
Conde de Borbon	Joaquim Pereira
O Louco d'Azinbaga	Armando Lencastre
Francisco	Costa Santos
Augusto, creado	Alberto Guimarães
Manoel, aldeão	Julio de Sá
Maria da Luz	Lina Vidal
Aldeãos, etc.	actualidade

Titulos dos actos: 1.º O Louco. 2.º O incendio,
3.º Supremo milagre.

Termina este espectáculo com um luzido

FIM DE FESTA

Desempenhado por diferentes artistas da “Tournée”

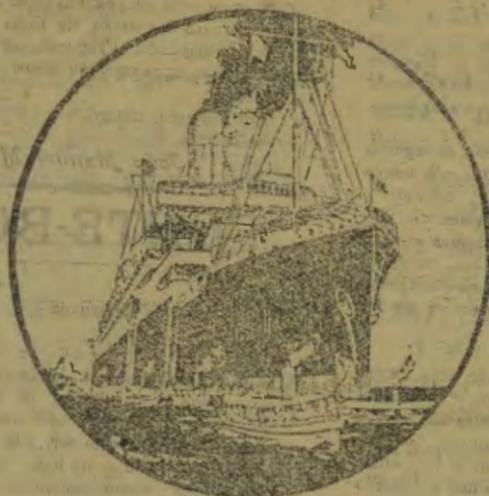
Preços:—Balcão, frente, 8\$00—Balcão, lado, 7\$00—Cadeiras, 5\$00
Geral, 2\$50

AVISO AO PUBLICO—Ninguem
deixe de vêr esta interessante peça, que
é um verdadeiro exemplo de moralida-
de.

Ao teatro! Arte e Unção!!

Bilhetes, desde já, á venda.

MALAREALINGLEZA



Paquetes correios a sair de Leixões

DARRO em 2 de Outubro para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres
DESE/DO em 16 de Outubro para Rio de Janeiro, Santos Montevideo e Buenos-Ayres
DESNA em 30 de Outubro para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

ALCANTARA em 30 de Setembro para Rio de Janeiro Santos Montevideo e Buenos Ayres
ARLANZA em 14 de Outubro para Madeira; Pernambuco Bahia Rio de Janeiro, Santos Montevideo e Buenos-Ayres;

ASTURIAS em 28 de Outubro para Rio de Janeiro, Santos Montevideo e Buenos-Ayres.

Na agencia do Posto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE.—PORTO
ou aos seus correspondentes nas provincias.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A Historia Ilustrada da Literatu- ra Portuguesa

Formato 32x25

Em tomos mensais de 32 paginas, optimo
papel couché, magnificamente ilustrados.

E CONTERÁ:

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rosto, de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quias HORS TEXTE, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica, Artigos de especialistas professores e literatos de nome consagrado.

Cada tomo 10\$00

A Historia Ilustrada da Literatura Portuguesa, comprehenderá pouco mais ou menos dois grossos volumes de 400 paginas cada e será uma publicação de luxo, por o que se reuniram todos os elementos indispensaveis. A semelhança das Histórias da litteratura francesa de Lanson e Benedit e Hazard publicadas pelas importantes livrarias Hachett e Larousse, esta publicação constituirá alguma coisa de inédito, de grande e de notavel nas nossas letras. Jámais se reuniram condições como para a criação deste monumento, arquivo das maravilhas que nas letras a nossa história encerra.

ASSINATURA :

Preços, incluindo embalagens reforçadas

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada numero sendo mensalmente e pelo correio, contra reembolso (só para o continente e ilhas)

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	33\$00	65\$00	128\$00

Registado

Cada tomo avulso, não incluindo
porte e embalagem — 10\$00

PEDIDOS ás Livrarias AILLAUD e BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A lua-se nesta vila, na Livraria Espozendense.